



FACULDADES INTEGRADAS DE TAGUAÍ
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

GISELIA MARIA PAIXÃO

BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR

TAGUAÍ – SP
2025



GISELIA MARIA PAIXÃO

BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de curso
apresentado no curso de Graduação em
Pedagogia nas Faculdades Integradas de
Taguaí sob a orientação do Professor
Mestre Luiz Alcides José Oliveira.

TAGUAÍ – SP
2025



GISELIA MARIA PAIXÃO

BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso orientado pelo Professor Mestre Luiz Alcides José Oliveira apresentado ao curso de Graduação em Pedagogia das Faculdades Integradas de Taguaí, como requisito para obtenção do grau de graduado em Pedagogia.

APROVADA EM: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Luiz Alcides José de Oliveira

Prof. Me. José Dienison de Chechi

Prof. Esp. Telma Cristina Ciano da S. Ferri Barberio



Agradeço, primeiramente, a Deus, por me guiar durante toda esta trajetória de estudos. Sou profundamente grata por sua proteção em cada noite de viagem, cuidando não apenas de mim, mas também de meus colegas, e permitindo que chegássemos em segurança até aqui. Agradeço à minha família pelo incentivo em retornar aos estudos. À minha mãe e à minha irmã, minha eterna gratidão por cuidarem da minha filha todas as noites, possibilitando que eu seguisse firme neste caminho.

Meu agradecimento se estende aos amigos e colegas de sala, pela parceria, companheirismo e pela paciência que muitos tiveram comigo ao longo dessa jornada. Aos professores, deixo registrado meu reconhecimento e gratidão pelos ensinamentos que contribuíram para minha formação. Agradeço, de forma especial, ao meu orientador, Professor Luiz Alcides, por toda sua paciência, dedicação e orientação cuidadosa durante o desenvolvimento deste trabalho, deixo meu sincero e profundo agradecimento. Só tenho a agradecer.

RESUMO

Este estudo tem por objetivo analisar o bullying no ambiente escolar, compreendendo suas causas, manifestações e impactos no desenvolvimento emocional e social de crianças e adolescentes. A pesquisa parte do reconhecimento de que, embora a escola deva promover inclusão, respeito e convivência saudável, episódios de violência e intimidação entre pares ainda são frequentes e afetam profundamente o bem-estar e o desempenho acadêmico das vítimas. O objetivo geral é identificar a importância de abordar o bullying de forma sistemática no contexto escolar, destacando seus riscos para a saúde mental, os diferentes tipos de agressões e as consequências no desenvolvimento pessoal dos estudantes. A metodologia adotada consiste em uma revisão de literatura de caráter qualitativo, envolvendo livros, artigos científicos e estudos recentes que discutem bullying, convivência escolar, estratégias educativas e intervenção pedagógica. As análises incluem autores como Ristum (2010) e Silva (2015), que evidenciam a dimensão global e crescente desse problema. Os resultados esperados incluem a ampliação da compreensão dos educadores sobre o fenômeno, a identificação de práticas pedagógicas eficazes para prevenção e intervenção e o fortalecimento de ações que promovam respeito, empatia e proteção às vítimas. Espera-se, ainda, contribuir para o desenvolvimento de políticas escolares que favoreçam ambientes mais seguros, inclusivos e saudáveis para todos.

Palavras-chave: Bullying. Contexto Escolar. Saúde Mental. Empatia. Escolas.

INTRODUÇÃO

O ambiente escolar visa proporcionar inclusão e respeito de todos. Porém, situações de violência e bullying ainda são comuns neste ambiente afetando o ciclo estudantil e emocional de crianças e adolescentes. Este tipo de violência traz problemas sérios para as vítimas afetando o psicológico, desempenho escolar, e outras relações sociais da vítima.

O bullying, antes, considerado apenas como uma brincadeira entre crianças e adolescentes. Até mesmo as próprias vítimas não percebiam a gravidade da situação que por muitas vezes por vergonha ou medo acabavam deixando de buscar ajuda. Desta forma com a escolha desse tema visamos conscientizar o ambiente escolar da importância de abordar esse assunto, com isso contribuindo para o espaço mais incluso para todos.

Diante da crescente incidência de casos de bullying no ambiente escolar, torna-se necessário refletir sobre o papel dos educadores no enfrentamento dessa realidade. Nesse contexto, questiona-se: quais estratégias e projetos pedagógicos podem ser elaborados pelos professores com o objetivo de sensibilizar os alunos e promover uma compreensão mais profunda sobre a gravidade do bullying? Além disso, diante de situações concretas de agressão entre pares, é fundamental questionar: quais ações e intervenções imediatas devem ser adotadas por educadores e demais membros da comunidade escolar ao presenciarem cenas de bullying, a fim de prevenir danos maiores e garantir a proteção das vítimas?

O objetivo geral deste trabalho é identificar a importância de trabalhar o bullying no ambiente escolar para conscientizar os alunos dos grandes riscos para o emocional de quem recebe o bullying. Analisar como pode afetar a saúde mental, reconhecer os diferentes tipos de bullying, mostrar como ele pode afetar no desenvolvimento pessoal da criança.

Segundo RISTUM (2010, p. 105) “O bullying ocorre em todas as escolas de todo o mundo e de todos os níveis de ensino, sejam elas públicas ou privadas. Afirmam que alguns estabelecimentos negam a existência de bullying entre seus alunos, ou apresentam desconhecimento sobre o assunto, ou se recusam a enfrentar o problema”

SILVA (2015, p. 1852) aponta que “o bullying tornou-se um problema endêmico nas escolas de todo o mundo”. O que reforça a importância de desenvolver estratégias eficazes de prevenção e intervenção no ambiente escolar. Diante dessa realidade, é fundamental que as instituições adotem políticas educativas que promovam o respeito, a empatia e a convivência saudável entre os alunos.

1 BULLYING

Nas últimas décadas, o bullying tem se consolidado como uma das formas mais recorrentes de violência no ambiente escolar e em outros espaços de convivência entre pares. Trata-se de um fenômeno preocupante que atinge crianças, adolescentes e até mesmo adultos, causando consequências emocionais, sociais e, em muitos casos, físicas. Apesar de muitas vezes ser tratado como “brincadeira” ou algo natural do convívio juvenil, o bullying carrega traços profundos de agressividade, dominação e exclusão social, que afetam diretamente o desenvolvimento e o bem-estar das vítimas.

Conceitua-se bullying como abuso de poder físico ou psicológico entre pares, envolvendo dominação prepotência, por um lado, submissão, humilhação, conformismo e sentimentos como de impotência, abrangem, raiva, medo, por outro. As ações abrangem formas diversas, como colocar apelidos, bater, roubar, aterrorizar, excluir, divulgar comentários maldosos, excluir socialmente, dentre outras. (RISTUM, 2010 p.96)

Geralmente o bullying começa em muitas vezes por apelidos brincadeiras chatas situação vai ficando desconfortável pelas vítimas, muitas vezes ela procura apoio no ambiente onde ela está, mas acaba não conseguindo então a vítima vai se afastando e deixando quieto. Isso vai afetando a autoestima dela e ela vai mostrando a falta de interesse de ir à escola e muitas vezes as notas dessa criança, adolescente vai diminuindo. A criança vai desenvolvendo um quadro de ansiedade e vai se isolando dos demais alunos.

[...] considerando o que é consensual nas várias definições podemos recolher o bullying escolar situações em que um aluno, ou um grupo de alunos causa intensivamente e repentinamente danos a outro(s). Como menor poder físico ou psicológico. Esta assimetria de poder se faz presente mesmo quando só existe na percepção do último, que se sente incapaz de reagir a agressão. O bullying sempre ocorre em brincadeiras em grupo. Principalmente quando a vítima não está em sala de aula e sim no intervalo. Grupo junto eles sentem mais forte, a vítima se sente incapaz de reagir das agressões (RISTUM, 2010 p.97)

As manifestações de bullying podem ocorrer por meio de comportamentos diretos, envolvendo agressões físicas como empurrões, chutes, danos aos pertences

e outras formas de violência corporal, ou ainda por agressões verbais, caracterizadas por insultos, apelidos pejorativos, humilhações e linguagem ofensiva. Também podem assumir formas indiretas, expressas pela exclusão social, pelo isolamento da vítima e pela disseminação de boatos que visam desqualificar e estigmatizar o alvo da violência.

Esse conjunto de práticas, muitas vezes discreto e pouco perceptível aos adultos, dificulta a detecção e a intervenção, conforme apontam FANTE (2005) E LOPES NETO (2011). Segundo FANTE (2005), a violência direta inclui tanto agressões físicas quanto verbais, enquanto a violência indireta tende a gerar danos emocionais mais profundos, especialmente quando envolve a propagação de rumores depreciativos que reforçam a discriminação e a exclusão do indivíduo de seu convívio social.

Com a expansão das tecnologias digitais, o bullying tradicional ganhou novas dimensões, dando origem ao cyberbullying, modalidade que rompe barreiras de tempo e espaço e se torna contínua no ambiente virtual. FANTE (2012) assinala que essa forma de violência é amplificada pela permanência e replicação do conteúdo online, criando situações de sofrimento prolongado, já que as agressões podem ser visualizadas por um público amplo e difícil de controlar.

Para SILVA E SAMPAIO (2020), o ambiente digital favorece a atuação do agressor por reduzir o controle social e aumentar a sensação de anonimato, o que facilita a perpetuação das práticas violentas. LISBOA et al. (2009) reforçam que as redes sociais desempenham papel central na difusão do cyberbullying, especialmente quando perfis falsos são utilizados para disseminar discursos de ódio, ampliando a complexidade do problema e retardando o apoio às vítimas.

Assim, tanto o bullying quanto o cyberbullying configuram fenômenos contemporâneos de grande complexidade, pois envolvem aspectos emocionais, culturais e sociais que atravessam a rotina escolar e extrapolam seus limites físicos. No ambiente digital, a ampliação do acesso às redes sociais potencializa a ocorrência das agressões e intensifica o sofrimento das vítimas (Lisboa et al., 2009). Por isso, torna-se essencial identificar as múltiplas formas de manifestação dessas violências e compreender os sujeitos envolvidos, de modo a subsidiar intervenções pedagógicas mais eficazes.

A dinâmica do bullying envolve comportamentos intencionais que se repetem ao longo do tempo, constituindo um padrão de agressões e humilhações sustentado por desequilíbrios de poder. A intencionalidade do agressor e a assimetria entre as partes distinguem o bullying de conflitos ocasionais, acidentais ou isolados. Nessa relação, o agressor busca reconhecimento e exerce poder sobre a vítima, que geralmente apresenta maior vulnerabilidade emocional ou física (FANTE, 2005; LOPES NETO, 2011).

O desequilíbrio de forças, segundo LOPES NETO (2011), é elemento central da intimidação sistemática, dificultando a capacidade de defesa da vítima. As características individuais também influenciam a dinâmica: vítimas tendem a ser tímidas, inseguras e com baixa autoestima, enquanto agressores costumam demonstrar autoconfiança, impulsividade e, muitas vezes, comportamentos aprendidos em ambientes familiares marcados por negligência ou violência.

BARROS E CARVALHO (2009) destacam que muitos agressores desejam que suas vontades prevaleçam, buscando constantemente atenção e reconhecimento por seus atos. SILVA (2011) complementa que o agressor, ao humilhar a vítima, sente-se mais poderoso e socialmente valorizado entre os pares, reforçando a continuidade do comportamento. Compreender esse padrão é fundamental para o desenvolvimento de estratégias educativas que promovam o diálogo, a empatia e a resolução pacífica de conflitos no ambiente escolar.

Conforme ROMUALDO et al. (2019), muitos espectadores não intervêm por medo, insegurança ou falta de orientação sobre como agir. Alemán e Cuellar Fermín (2020) observam que a ausência de ações educativas voltadas à formação ética e emocional desses estudantes contribui para sua imobilidade diante da violência. Dessa forma, os desafios pedagógicos incluem transformar espectadores passivos em agentes de promoção de uma cultura de paz, incentivando comportamentos empáticos e de defesa das vítimas (ROMUALDO et al., 2019).

No âmbito escolar, diferentes profissionais desempenham funções essenciais na prevenção e enfrentamento das violências entre pares. Nas escolas municipais de Florianópolis, orientadores pedagógicos assumem papel central na mediação de conflitos e na articulação dos processos educativos, buscando promover o bem-estar

dos estudantes e fortalecer os vínculos com a comunidade escolar (CARVALHO et al., 2023).

Inicialmente voltada à orientação vocacional, a função do orientador educacional evoluiu para uma abordagem integral, considerando aspectos emocionais, sociais e cognitivos dos estudantes (SANTIAGO et al., 2021). CARVALHO et al. (2023) destacam que esses profissionais atuam em conjunto com a equipe pedagógica incluindo professores, coordenadores e gestores, contribuindo para estratégias preventivas e para o acolhimento dos estudantes.

A relevância da orientação educacional também é evidenciada em estudos sistemáticos que ressaltam seu papel na mediação de conflitos, no apoio às famílias e no fortalecimento das relações escolares (CARVALHO et al., 2023).

No Brasil, essa função é regulamentada pelo Decreto nº 72.846/1973, que estabelece formação específica para o exercício da atividade. A atuação do orientador é fundamental para identificar fragilidades no percurso escolar e desenvolver ações de prevenção, especialmente em situações relacionadas ao bullying. Nesse contexto, TOGNETTA (2021) afirma que a coordenação pedagógica deve promover estratégias permanentes de prevenção, indo além da resposta a episódios isolados e investindo no fortalecimento da convivência ética e respeitosa no ambiente escolar.

O bullying físico é uma das formas mais reconhecidas e visíveis do fenômeno. Ele envolve agressões corporais como empurrões, socos, chutes, além de danos a pertences pessoais da vítima. De acordo com FANTE (2005), esse tipo de violência, embora mais facilmente identificável pelos adultos, produz impactos profundos não apenas na integridade física, mas também na autoestima e no senso de segurança do estudante, que passa a associar o ambiente escolar com risco e vulnerabilidade.

O bullying verbal, por sua vez, é frequentemente subestimado, apesar de seu grande potencial destrutivo. Caracteriza-se pelo uso de insultos, xingamentos, humilhações e apelidos depreciativos, que, segundo LOPES NETO (2011), podem gerar consequências emocionais tão graves quanto as agressões físicas. Esse tipo de violência é recorrente em grupos escolares por sua natureza aparentemente “inofensiva” ou normalizada, o que dificulta sua identificação e intervenção imediata.

Outro tipo relevante é o bullying social ou relacional, que envolve a manipulação das relações interpessoais com o objetivo de isolar a vítima do convívio social. Essa

modalidade inclui estratégias como exclusão de grupos, disseminação de rumores e sabotagem de amizades.

O bullying psicológico é caracterizado por ações que buscam intimidar, controlar ou enfraquecer emocionalmente a vítima. Essas práticas incluem chantagens, ameaças e gestos intimidatórios, muitas vezes realizados longe do olhar de adultos.

O cyberbullying emerge como uma das formas mais preocupantes na atualidade, devido ao alcance ilimitado das tecnologias digitais. Dentro do cyberbullying, existem subtipos específicos, como o envio de mensagens agressivas e ataques diretos enviados em ambientes virtuais. Este tipo frequentemente ocorre em chats, fóruns ou grupos escolares.

Outro subtipo envolve a divulgação não autorizada de informações pessoais, segredos ou conteúdos íntimos da vítima. Essa forma de agressão se intensifica entre adolescentes, especialmente devido à cultura de compartilhamento digital.

Há também quando o agressor utiliza perfis falsos para enganar, perseguir ou humilhar a vítima. Essa prática é frequente nas redes sociais.

Um tipo menos explorado, mas igualmente relevante, é o bullying sexual, que envolve comentários, brincadeiras ou insinuações de cunho sexual, bem como toques indesejados ou exposição de imagens íntimas. De acordo com MEYER (2008), esse tipo de violência reflete desigualdades de gênero e pode estar associado a práticas discriminatórias relacionadas à orientação sexual e identidade de gênero, sendo comum em ambientes escolares que naturalizam a sexualização precoce ou a homofobia.

O bullying racial é outra forma grave, caracterizada por insultos, estereótipos e discriminação direcionados à raça, etnia ou cor da pele da vítima. Segundo Coelho (2017), essa modalidade está profundamente ligada a estruturas sociais amplas de racismo, manifestando-se tanto em agressões diretas quanto em microagressões sutis que minam o pertencimento e a autoestima dos estudantes negros e indígenas.

O bullying preconceituoso, que engloba agressões motivadas por características como deficiência, religião ou condição socioeconômica, também merece destaque. De acordo com a UNESCO (2019), esse tipo de violência está entre os mais subnotificados em escolas, pois muitas vítimas hesitam em relatar episódios

por medo de estigmatização. A invisibilidade dessa modalidade dificulta a implementação de políticas de inclusão e garantia de direitos.

O bullying motivado pela orientação sexual ou identidade de gênero frequentemente chamado de bullying LGBTfóbico é uma das formas mais severas e persistentes. Segundo KOSCIW et al. (2020), estudantes LGBTQIA+ são desproporcionalmente afetados, enfrentando agressões verbais, exclusão social e ameaças constantes. O impacto dessa violência se traduz em maiores índices de evasão escolar, depressão e ideação suicida.

Um ponto importante é que os diferentes tipos de bullying não são mutuamente exclusivos; eles frequentemente se combinam. RIGBY (2020) observa que vítimas que sofrem bullying verbal tendem também a enfrentar exclusão social ou cyberbullying, por exemplo. Essa sobreposição aumenta os danos e exige uma abordagem integrada de prevenção e intervenção por parte da escola.

Compreender a variedade de tipos de bullying é essencial para que gestores, professores e famílias desenvolvam estratégias pedagógicas e políticas de prevenção adequadas. Como destaca OLWEUS (2013), intervenções genéricas têm limitações, pois cada forma de agressão requer respostas específicas e contextualizadas. Somente reconhecendo as sutilezas e complexidades dessas modalidades é possível construir ambientes escolares mais seguros, inclusivos e comprometidos com o bem-estar integral dos estudantes.

2 CONSEQUÊNCIAS DO BULLYING

A prática do bullying provoca impactos profundos no desenvolvimento emocional, social e acadêmico das vítimas, podendo gerar consequências que se estendem por toda a vida. Estudos recentes indicam que crianças e adolescentes expostos a agressões repetidas tendem a manifestar sintomas de ansiedade, retraimento social e baixa autoestima, efeitos que se intensificam quando a violência ocorre em ambientes escolares, onde o indivíduo deveria sentir segurança e pertencimento. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2023), o bullying está diretamente associado ao aumento de quadros de sofrimento psíquico entre jovens, comprometendo o bem-estar e a capacidade de estabelecer relações saudáveis.

Além dos danos emocionais, o bullying repercute no desempenho escolar, afetando a concentração, a motivação e a participação em atividades pedagógicas. Pesquisas mostram que vítimas de intimidação constante apresentam maior risco de evasão e dificuldades de aprendizagem, uma vez que a escola passa a ser percebida como um espaço hostil. De acordo com o relatório Global Education Monitoring Report da UNESCO (2022), alunos que sofrem bullying têm duas vezes mais chances de apresentar baixo rendimento acadêmico, evidenciando que a violência compromete não apenas a saúde mental, mas também a trajetória educacional.

A gravidade do bullying também se expressa nos impactos de longo prazo, incluindo o risco de desenvolvimento de depressão e outros transtornos psicológicos na vida adulta. Estudos longitudinais, como o de Arseneault (2018), demonstram que vítimas de bullying na infância possuem maior probabilidade de enfrentar dificuldades profissionais e relacionais ao longo dos anos. Isso reforça que a violência entre pares não deve ser tratada como "brincadeira de criança", mas como um problema social que exige intervenções preventivas e apoio especializado.

As consequências do bullying não atingem apenas as vítimas diretas: os agressores e espectadores também sofrem efeitos negativos. Jovens que praticam bullying apresentam maior tendência a comportamentos antissociais e envolvimento com violência na vida adulta, segundo pesquisa do National Center for Educational Statistics (NCES, 2022). Diante desse cenário, a comunidade escolar, as famílias e o

poder público devem atuar conjuntamente para promover ambientes seguros, práticas educativas inclusivas e políticas eficazes de prevenção e enfrentamento da violência.

Como parte das consequências do bullying, a vítima vai se isolando dos grupos de amigos por não ter apoio, muitas vezes eles falam a situação para o professor, mas nas muitas vezes o professor está despreparo para orientá-lo. A vítima vendo a situação vai se afastando, sentindo-se inseguro em sala de aula deixando de fazer atividades vai deixando de lado a vontade de se comunicar em sala de aula isso para ele vai se tornando um pesadelo em ir à escola, ele vai perdendo a vontade de tudo, a vítima procura ficar perto de adultos na hora dos intervalos para ver seus grupos para de agredir ele verbalmente.

Os problemas vão desde a queda do rendimento escolar até o desenvolvimento de depressão e suicídio. Muitas são dificuldades imediatas, outras em médio e longo prazo. Além de pode comprometer o rendimento escolas as vítimas tentem a se isolar, e apresentar baixa autoestima e a se recusar a ir à escola, alegando dores de cabeça, estômago ou abdominais. Em longo prazo, ressaltam-se dificuldades de relacionamento e sintomas de depressão que podem seguir a pessoa pela vida. (RISTUM,2010 p. 111)

Em sala de aula a vítima se sente mais protegida, pois geralmente o grupo não ofende verbalmente na presença de professor, assim a vítima vai se fechando para a sociedade e em grupo familiar, muitas vezes a vítima chega na casa e comenta com seus familiares mesmo assim por vez não são ouvidas, principalmente as crianças que não têm pais participativos na escola. São eles os principais, segundo a UNESCO (2022):

- Falta de tempo e de atenção dos pais;
- Falta de participação nas atividades dos filhos;
- Falta de coesão e solidariedade entre os membros da família;
- Ausência de afeto nas relações familiares.

O bullying causa impactos sérios na vida da vítima, como isolamento, queda no rendimento escolar e problemas emocionais. A falta de apoio da escola e da família agrava ainda mais a situação. Por isso, é essencial que a sociedade compreenda essas consequências para agir na prevenção e garantir um ambiente escolar mais seguro e acolhedor.

O bullying provoca impactos significativos não apenas nas vítimas, mas também em quem pratica as agressões. No caso dos agressores, pesquisas mostram que comportamentos de intimidação estão associados a dificuldades emocionais e padrões de relacionamento baseados na violência. Segundo o relatório World Mental Health Report da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2023), jovens que exercem práticas de bullying apresentam maior probabilidade de desenvolver comportamentos anti-sociais, impulsividade e baixa empatia, o que compromete seu desenvolvimento socioemocional.

A continuidade desses comportamentos pode gerar consequências duradouras. Estudos longitudinais, como o de TTOFI E FARRINGTON (2011), indicam que agressores na adolescência têm maior risco de envolvimento com criminalidade, abuso de substâncias e dificuldades na vida adulta, revelando que o bullying é um forte preditor de trajetórias problemáticas. A pesquisa enfatiza que a escola e a família devem atuar precocemente na identificação desses padrões para evitar que a violência se consolide como forma de interação social.

Além disso, o impacto do bullying sobre o agressor também se reflete no ambiente escolar e comunitário, pois suas ações contribuem para a criação de um clima de medo, tensão e insegurança. A UNESCO (2022) aponta que escolas com altos índices de intimidação apresentam redução do rendimento coletivo, aumento da evasão e deterioração das relações interpessoais. Assim, compreender os danos causados pelo bullying ao agressor é essencial para a implementação de políticas educativas que promovam responsabilidade, respeito e desenvolvimento de habilidades socioemocionais.

3 ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO E COMBATE NAS ESCOLAS

A construção de um ambiente escolar saudável e acolhedor depende diretamente da forma como a escola lida com situações de violência entre os alunos, especialmente com o bullying. Para além da identificação dos casos, é fundamental que a instituição atue com foco na prevenção e na formação de valores como o respeito, a empatia e o diálogo. Nesse sentido, torna-se necessário pensar em estratégias pedagógicas que não apenas informem sobre o problema, mas que também envolvam os estudantes em reflexões e ações concretas, estimulando a convivência pacífica e a valorização das diferenças.

No entanto, para que essas ações sejam eficazes, é essencial que a escola conheça a realidade que enfrenta. Isso inclui reconhecer os sinais do bullying, compreender sua frequência e intensidade, bem como identificar os envolvidos e os contextos onde agressões ocorrem. Nesse contexto, destaca-se a importância de se desenvolverem ferramentas e práticas que auxiliem no mapeamento da situação.

Destacamos assim, a importância de que os educadores e, em especial, os órgãos de gestão das escolas, disponham de instrumentos que permitam realizar um diagnóstico cuidadoso da situação, capazes de fornecer a verdadeira dimensão do bullying. (RISTUM, 2010 p. 116)

A autora cita que os educadores juntamente com a gestão escolar precisam tomar providências para estar destacando entre eles a abordagem da dimensão do bullying na vida de seus alunos. Em conjunto com essas questões, os professores podem tomar decisões corretas e as devidas providências com propostas para um bom ambiente escolar, mostrando como o bullying pode afetar tal ambiente e sobre isso os educadores podem estar conscientizando através de palestras, atividades em sala de aula como a confecção de cartazes feito pelos próprios alunos. Para que assim eles possam estar realmente cientes das consequências do bullying, já para os familiares dos alunos, a escola pode conscientizá-los a identificando a características do bullying que por sua vez, seu filho possa estar enfrentando.

A prevenção e o combate ao bullying nas escolas exigem estratégias integradas que envolvam toda a comunidade escolar, desde gestores e professores até estudantes e famílias. O primeiro passo consiste no estabelecimento de uma

cultura institucional baseada no respeito, na empatia e na convivência democrática. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2022) destaca que escolas que promovem valores de inclusão e diversidade registram índices significativamente menores de violência entre pares, reforçando a importância de ações educativas contínuas.

A formação dos profissionais da educação é outra estratégia central para prevenir episódios de intimidação. Professores bem preparados conseguem identificar sinais precoces de agressão, intervir de forma adequada e promover discussões que estimulem a conscientização dos alunos. De acordo com o relatório World Mental Health Report da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2023), capacitações regulares em habilidades socioemocionais e em práticas restaurativas contribuem para reduzir comportamentos agressivos e fortalecer vínculos positivos dentro do ambiente escolar.

A implementação de programas socioemocionais é igualmente eficaz. Iniciativas que trabalham competências como autocontrole, empatia, resolução de conflitos e comunicação não violenta tem apresentado resultados expressivos na redução do bullying. A pesquisa de DURLAK et al. (2011), amplamente reconhecida no campo educacional, demonstra que programas de aprendizagem socioemocional aumentam o desempenho acadêmico e diminuem comportamentos problemáticos, validando a importância dessas abordagens.

Outro elemento fundamental é o estabelecimento de canais seguros e acessíveis de denúncia. Muitas vítimas não procuram ajuda por medo de retaliação ou falta de confiança na instituição. Escolas que adotam mecanismos sigilosos e confiáveis de comunicação conseguem agir mais rapidamente e aumentar a sensação de segurança dos estudantes. Segundo o National Center for Educational Statistics (NCES, 2022), escolas com sistemas estruturados de relato apresentam redução significativa de casos recorrentes de bullying.

A participação da família no processo preventivo também se mostra indispensável. Pais e responsáveis devem ser orientados a reconhecer comportamentos de risco, apoiar emocionalmente seus filhos e manter diálogo constante com a escola. A literatura aponta que a colaboração entre família e instituição educativa fortalece as intervenções e amplia a eficácia das ações. A

American Psychological Association (APA, 2021) observa que ambientes familiares acolhedores e comunicativos reduzem a probabilidade de jovens se tornarem vítimas ou agressores.

Além disso, a adoção de políticas escolares claras e bem divulgadas é essencial. Normas que definem o que é bullying, especificam sanções pedagógicas e orientam procedimentos de intervenção proporcionam maior transparência e responsabilidade coletiva. A legislação brasileira reforça essa necessidade, como aponta o Ministério da Educação (MEC, 2021), ao orientar que cada escola desenvolva seu próprio plano de prevenção, alinhado à Lei nº 13.185/2015, que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática.

Atividades escolares que valorizam o protagonismo estudantil também desempenham papel decisivo. Grêmios estudantis, círculos de diálogo e projetos colaborativos permitem que os alunos participem da construção de um ambiente mais solidário. Esses espaços estimulam a autonomia e o senso de responsabilidade, reduzindo comportamentos agressivos. A UNESCO (2022) afirma que estratégias participativas aumentam o engajamento e fortalecem redes de apoio entre os jovens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa evidenciou que o bullying no ambiente escolar permanece como um problema recorrente, capaz de comprometer o desenvolvimento emocional, social e acadêmico de crianças e adolescentes. Observou-se que, apesar dos avanços nas discussões sobre convivência e respeito, muitos estudantes ainda sofrem silenciosamente, seja por medo, vergonha ou pela naturalização da violência entre pares.

Outro achado relevante é a falta de preparação de muitos educadores para identificar sinais precoces de bullying e agir de maneira eficaz diante de situações de agressão. A pesquisa revelou que ainda há escolas que negam a existência do problema ou demonstram desconhecimento sobre suas dinâmicas, o que dificulta a construção de estratégias pedagógicas adequadas.

Verificou-se também que trabalhar o tema de maneira sistemática no currículo escolar contribui para sensibilizar os estudantes, estimulando comportamentos de empatia, respeito e cooperação. Projetos pedagógicos, rodas de conversa e atividades sobre diversidade e convivência se mostraram práticas eficazes para conscientizar os alunos acerca dos impactos do bullying na saúde mental e no desenvolvimento dos colegas.

No entanto, este estudo apresentou limitações. Por se tratar de uma revisão de literatura, não foi possível realizar análise de campo ou observação direta do comportamento dos alunos e da atuação dos professores. A ausência de dados empíricos limita a generalização dos achados e impossibilita avaliar, na prática, a efetividade das estratégias sugeridas.

Diante dessas limitações, recomenda-se que futuras pesquisas incluam investigações de campo, com entrevistas, questionários e acompanhamento de situações reais no ambiente escolar. Estudos comparativos entre escolas públicas e privadas, ou entre diferentes faixas etárias, também podem ampliar o entendimento sobre o fenômeno e auxiliar na formulação de políticas mais específicas.

Por fim, destaca-se a necessidade contínua de aprofundar o debate sobre bullying e desenvolver iniciativas pedagógicas que fortaleçam a cultura de paz e respeito nas escolas. Pesquisas futuras devem buscar soluções inovadoras,

sustentáveis e adaptadas ao contexto contemporâneo, considerando as mudanças sociais e tecnológicas que influenciam o comportamento dos estudantes.

REFERÊNCIAS

BARROS, Paulo Cezar et al. **Um estudo sobre o bullying no contexto escolar**. Educere, 5739-5755, 29 out. 2009.

CARVALHO, Fabiana Cristina; MORAIS, Lúcia Helena; MARTINS, Rodrigo A. A atuação do orientador educacional na gestão escolar: uma análise sistemática de práticas e desafios contemporâneos. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 18, n. 1, 2023.

COELHO, Wilma de Nazaré Baía. **Racismo na escola**: silêncios e naturalizações. Revista da ABPN, v. 9, n. 22, 2017.

FANTE, Cléo. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Verus, 2005.

FANTE, Cléo; PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar**: perguntas & respostas. Porto Alegre: Artmed, 2012.

LISBOA, Carolina; BRAGA, Luiza; EBERT, Guilherme. **O fenômeno bullying ou vitimização entre pares na atualidade**: definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção. Contextos Clínicos, v. 2, n. 1, p. 59-71, 14 jul. 2009.

LOPES NETO, Aramir Antônio. **Ações antibullying**. In: . bullying: saber identificar e como prevenir. São Paulo: Brasiliense, 2011. p. 62-100.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). *Diretrizes para a implementação da Lei 13.185/2015*. Brasília, 2021.

RISTUM, Marilena, et al. **O impacto na violência na escola: um dialogo com professor**. Rio de Janeiro: editora Fiocruz, 2010. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/szv5t/pdf/assis-9788575413302.pdf#page=96>> Acesso em 14-set-25.

ROMUALDO, D. C. B. et al. **Bullying e relações de poder na escola**: a atuação das testemunhas frente aos conflitos interpessoais. Psicologia Escolar e Educacional, São v. 23, e192872, 2019.

SANTIAGO, Gabriela M.; SILVA, Mércia F. de M.; COSTA, Ana P. **O papel do professor diante do bullying nas aulas de Educação Física escolar**. Trabalho apresentado no Congresso Brasileiro de Atividade Motora Adaptada, 2021.

SILVA, Ana Beatriz. **Bullying mentes perigosas nas escolas**. São Paulo: Globo S.A, 2015. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=UUgHCwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA1843&dq=info:Z->

[g4zmQSUtEJ:scholar.google.com/&ots=Y3diUqB15D&sig=KvHKmWY9wlZJy1rO7n_RuSj6CXM&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://scholar.google.com/&ots=Y3diUqB15D&sig=KvHKmWY9wlZJy1rO7n_RuSj6CXM&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false)> Acesso em: 14-set-25

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. 5. ed. Rio de Janeiro: Fontanar, 2011.

SILVA, Mariana C. da; SAMPAIO, José R. C. **Cyberbullying e adolescência**: desafios para a escola na era digital. Cadernos CEDES, v. 40, n. 140, p. 133–147, 2020.